



Rainha Vashti: uma “feminista” na Antiguidade¹

Queen Vashti: a Feminist in Antiquity

Alan Freire de Lima*

Logos University International (UNILOGOS) | Flórida, Estados Unidos
freirefoundation@gmail.com

Arlete Freire de Lima**

Logos University International (UNILOGOS) | Flórida, Estados Unidos
arletefreiredelima@gmail.com

Resumo: A história da rainha Ester, contada no texto Livro de Ester, conseguiu ser rainha após a rainha Vashti, até então esposa do rei Ahasuerus, se negar dançar e a se expor para todos os homens de todas as cidades do império Persa, afrontando o *status quo* masculino e machista em relação ao corpo da mulher como objeto de exposição e exibição. A metodologia usada é de revisão de literatura e de sites judaicos sobre a temática das rainhas Vashi e Ester. Trata de uma narrativa de uma judia exilada na Pérsia e viveu durante o período de reinado de Ahasuerus, também conhecido como Assuero (Xerxes) entre 486 e 465 a.e.c (antes da era comum), e que se entende que a judia Ester agregou hábitos não judaicos em todos os aspectos da sua vida judaica como rainha casada com um rei não judeu do Império Persa.

Palavras-chave: Rainha Vashti. Rainha Ester. Feministas.

Abstract: The story of Queen Esther, told in the text Book of Esther, managed to be queen after Queen Vashti, until then the wife of King Ahasuerus, refused to dance and expose herself to all men in all cities of the Persian empire, facing the *status quo* masculine and sexist in relation to the woman's body as an object of exposure and exhibition. The methodology used is a review of literature and Jewish websites on the theme of queens Vashi and Esther. It deals with a narrative of a Jewish woman exiled in Persia and who lived during the period of reign of Ahasuerus, also known as Ahasuero (Xerxes) between 486 and 465 BC (before the common era), and it is understood that the Jewish Esther added habits not Jews in all aspects of her Jewish life as a queen married to a non-Jewish king of the Persian Empire.

Keywords: Queen Vashti. Queen Esther. Feminists.

Introdução

¹ Em homenagem aos rabinos dos Estados Unidos da América, rabbi Marc Rubenstein e rabbi Mordecai Finley, e em memória da nossa matriarca criptojudia Julia Freire de Lima.

* Doutorando em Antropologia e Religião pela Logos University International

** Antropóloga pela Logos University International.



Ao falar do judaísmo, e dos eventos históricos envolvendo grandes personagens judaicos históricos como o caso da rainha Ester que se casou com o rei Achashverosh, contada no livro de Ester; assim como no caso da princesa moabita Ruth que se casou com o judeu Malom em Moab, após este último ter falecido, depois do seu falecimento se casou com outro judeu, o juiz Boaz em Israel, estes fatos estão relatados no Livro de Ester e no Livro de Rute, respectivamente

Para muitos de nós brasileiros estas histórias semíticas nos aproximam mais do judaísmo do que de outras religiões e crenças, pois muitos de nós somos descendentes de judeus, logo muitos de nós somos criptojudéus, povos semíticos.

Vamos citar uma passagem de Novinsky (2015), que é sempre pertinente aos estudos judaicos e da história judaica, que dentre as características de estudos e de análises que Novinsky faz dos bneianussim (criptojudeus), vão desde a estrutura política, econômica e religiosa da sociedade brasileira e da inquisição no Brasil colonial, sem deixar de fazer sublimes menções às questões comportamentais e da mentalidade dos brasileiros e dos criptojudéus que deixaram fortes traços culturais e psicológicos na sociedade brasileira como um todo, a saber:

Quando Werner Sombart, discípulo de Max Weber, escreveu em *Os judeus e o capitalismo*, no começo do século XX, que a “América em todas as suas partes é uma terra judia”, não tinha em mãos, como nós, as extraordinárias fontes de manuscritas pertencentes ao Santo Ofício da Inquisição. Mesmo não compartilhando as ideias de Sombart sobre a origem do capitalismo, temos de dar-lhe o mérito de ter sido o primeiro a reconhecer a América como uma terra judia, teoria hoje plenamente confirmada.²

A história narrada no livro de Ester, que enfatizamos mais a rainha Vashti do que a rainha Ester, devido a questões de comportamento feminino do insubmisso ao submisso, e as características de cada uma destas personagens da cultura judaica, sem perder de vista que a rainha Ester se casou e se assimilou na diáspora da antiguidade no Império Persa, o que nos remete muito a diáspora da época contemporânea da qual fazemos parte.

A questão da permanência constante das ameaças de impérios desde a antiguidade até os dias atuais contra o povo judeu seja dentro de Israel, como fora da nação de Israel na diáspora, é algo que na cultura judaica é profundamente estudado e registrado nas pesquisas historiográficas e antropológicas, cujas perseguições se deram por motivos variados desde por questões de cunho religioso, cultural, econômico, surgimento de movimentos extremistas e fundamentalistas dentre outros aspectos nas sociedades nas quais os judeus migraram de forma continuada,

² NOVINSKY, 2015, p. 19.



geralmente motivada pelo antissemitismo, teorias da conspiração, propagandas difamatórias e tantas outras coisas inumeráveis para este pequeno e importante trabalho.

1 História de uma feminista (rainha Vashti) e do feminismo

Mulheres feministas sempre existiram na história da humanidade, quando falamos de mulheres feministas no passado queremos dizer de mulheres que não queriam se submeter ao patriarcado masculino e machista, de mulheres que queriam ocupar certos cargos e profissões na sociedade como na filosofia, no pensamento, nas ciências, no comércio e empreendedorismo, na política, dentre outros espaços sociais, dominado pelos homens, geralmente das classes dominantes, mas que se refletiam sobre todas as camadas sociais, até a igreja católica com a institucionalização da inquisição foi implacável contra as mulheres, vejamos:

Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas. A Inquisição da Igreja Católica foi implacável com qualquer mulher que desafiasse os princípios por ela pregados como dogmas inofensíveis. Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto.³

Pinto (2010) afirma que o movimento feminista logrou conquistas indiscutíveis que transformou as faces, mentes e corpos das próprias estruturas de poder do mundo ocidental, todavia algumas esferas sociais como na política ainda há obstáculos para uma representatividade mais significativa das mulheres, e indaga para uma possível inserção de sujeitos feministas para transformar estes cenários que apresentam uma resistência à presença feminina no poder, a saber:

Desde os seus primeiros passos, a razão de ser do movimento feminista foi “empoderar” as mulheres (mesmo que o conceito tenha sido incorporado como vocabulário muito posteriormente). Se, por uma parte, o movimento logrou conquistas indiscutíveis que atingiram as próprias estruturas de poder no mundo ocidental, por outra, tem sido muito tímido em interpelar mulheres para agirem no mundo público e, principalmente, político. Butler oferece um caminho que acredito ser promissor para pensar esta situação, quando diz que as mulheres não são só mulheres, ou quando se pergunta se

³ PINTO, 2010, p. 15.



é necessário um sujeito feminista. A presença feminista na arena política é desejável? Ou seria apenas mais uma?⁴

Akinyele (2009) apresenta algumas qualidades da rainha Ester na questão da importância da mulher na influência nas esferas do poder político, neste caso do antigo Império Persa, neste trecho abaixo mostra que a rainha Ester não somente sofreu influências de Mordechai, mas também pediu para que Mordechai, seu primo, que a ajudou a conquistar a coroa do Império Persa para substituir a rainha Vashti, que não se submeteu às arbitrariedades do rei Achashverosh para satisfazer seus desejos sexuais e sociais tendo como objeto de exposição o corpo da rainha Vashti que reagiu de imediato contra o rei. A rainha Ester conquistando o lugar da rainha Vashti consegue influenciar Mordechai e os judeus pedindo jejum por ela, devido a ameaça de aniquilação do povo judeu arquitetado pela insubordinação de Mordechai e dos judeus ao Haman, a “mão direita” do rei Achaverosh. Então com a ajuda de Mordechai influencia o rei Xerxes (Achaverosh), Yukl afirma que o poder envolve a capacidade de uma das partes (o agente) para influenciar outra pessoa (o alvo), se trata de uma capacidade absoluta que um agente individual pode influenciar o comportamento, atitudes e decisões de outras pessoas dentro do espaço e do tempo, a saber:

Yukl afirma que “a influência é a essência da liderança” que “para ser eficaz como líder, é necessário influenciar as pessoas para que cumpram as solicitações, apoiar propostas e implementar decisões.”²³² A figura literária de Esther demonstra influência com Mordecai, os judeus e Xerxes. Quando ela decide aproximar-se de Xerxes, ela alivia o sofrimento de Mordecai e consegue influenciá-lo e os judeus, pedindo-lhes que jejuassem por ela. Ela então influencia Xerxes para impedir o aniquilação dos judeus. Yukl afirma que “o poder envolve a capacidade de uma das partes (o agente) para influenciar outra parte (o alvo).”²³³ Ele ainda afirma que o poder “descreve a capacidade absoluta de um agente individual de influenciar o comportamento ou as atitudes de um ou mais pessoas-alvo designadas em um determinado momento.”⁵

Como o foco do nosso trabalho é mostrar uma feminista esquecida ou invisibilizada na história judaica, especialmente na festividade de PURIM, em que a rainha Ester se torna o centro da narrativa, de uma mulher que usou a sua beleza, atributos físicos e de personalidade submissa e obediente e utilizar destes atributos físicos e

⁴ PINTO, 2010, p. 22.

⁵ AKINYELE, 2009, p. 75 (tradução nossa).



comportamentais para exercer uma certa influência política e de poder para salvar a vida dos judeus, Ester competiu como muitas outras mulheres para ter uma almejada, invejada e cobiçada posição social e econômica no imenso Império Persa, todavia a rainha Vashti não é nem estudada como uma mulher que estava a frente do seu tempo em relação aos abusos de uma sociedade e conivente com o machismo objetificando o corpo feminino, coisa que a rainha Vashti não admitia, vejamos as preocupações ao “status quo” que a rainha Vashti causou logo abaixo:

Preocupados com a possibilidade de a notícia de sua desobediência se espalhar por todo o reino persa, os conselheiros do rei dizem a ele para bani-la e encontrar uma nova rainha, para que seu exemplo não encoraje outras mulheres a desobedecer a seus maridos. E assim, de acordo com o comentário tradicional, no final do primeiro capítulo da história de Purim, Vashti foi banida e nunca mais se ouviu falar dela.⁶

Para muitos judeus, a rainha Vashti é uma referência feminista, para muitos estudiosos e estudiosas judias feministas norte-americanas nos últimos anos abraçaram a Vashti, a defendendo como uma heroína que desafiou o patriarcado machista, embora não influneciou na época ao que se sabe nenhum movimento de mulheres a seu favor. Hoje pessoas judias e feministas estão com os olhos voltados para a rainha Vashti, pelo seu posicionamento crítico e valente, um exemplo para pessoas feministas, a saber:

Tradicionalmente, é Esther – a rainha que substitui Vashti e salva o povo judeu do extermínio, dizendo bravamente ao rei Achashverosh que seu principal conselheiro está planejando matar os judeus do reino e que ela também é judia – que tem sido celebrada. Mas estudiosas feministas judias americanas abraçaram Vashti nos últimos anos, defendendo-a como uma heroína que se posicionou contra o patriarcado em uma história que remonta a cerca de 355aC, embora nenhum movimento tenha surgido de sua ação.⁷

Consoante a Reich (2016) a pensadora norte-americana Harriet Beecher-Stowe, considerou a recusa de Vashti como a pioneira na defesa dos direitos da mulher, a saber:

O resto da história trata da substituição de Vashti, a piedosa rainha judia Ester e seus esforços para salvar os judeus de Shushan. Nunca mais ouvimos falar de Vashti – ela sai da

⁶ KRAFT, 2018 (tradução nossa).

⁷ KRAFT, 2018 (tradução nossa).



história e sai da história. Mas Vashti era a garota má original. Harriet Beecher-Stowe, a escritora e abolicionista americana, considerou a recusa de Vashti como uma “primeira defesa dos direitos da mulher”.⁸

Reich (2016) cita Alana Sztokman que é dentre outras coisas acadêmica e ativista, que considera a rainha Vashti como uma das primeiras feministas, inclusive a considerando como uma heroína, por dizer NÃO serei seu objeto sexual e nem o seu troféu, e que seu desafio gerou uma punição que deriva de uma questão chave, que é a do poder que o homem almeja em controlar as mulheres, magnificamente exposto abaixo:

Elana Sztokman – acadêmica, socióloga, educadora e ativista, além de fã de Vashti – considera Vashti uma das primeiras feministas. “Ela é uma heroína”, diz Sztokman. ‘Ela foi uma das primeiras mulheres a dizer: ‘Não serei seu troféu, não serei seu objeto sexual’. Vashti teve que ser punida por seu desafio, porque, como Sztokmanvê, a chave para o poder de um homem é controlar as mulheres.⁹

Ginsberg (2019) demonstra que há muitas pessoas judias da comunidade judaica desde o século XIX (1878) que veem a Vashti como um símbolo de mulher que defende a dignidade e os direitos das mulheres como Stowe e Stanton, esta última aplaudiu a resistência desafiadora da rainha Vashti, buscando até mesmo valorizar mais Vashti do que a rainha Ester, devido à questão dos direitos das mulheres que foi um processo de lutas durante milênios, séculos e ainda perdura nos tempos atuais, observemos:

Mas Harriet Beecher Stowe elogiou Vashti já em 1878 por defender os direitos das mulheres, e Elizabeth Cady Stanton aplaudiu a resistência desafiadora de Vashti em 1898. Nas últimas décadas, tornou-se cada vez mais elegante justificar Vashti e até mesmo desvalorizar Esther com elogios fracos ou desprezo total. Vashti luta por sua modéstia e sua honra...¹⁰

Novamente com a narrativa da história de Purim, na qual a leitura do livro de Ester faz parte da cultura judaica, Ginsberg (2019) faz uma explanação e discussão teórica sobre como o rei Achashverosh (Assuero ou Xerxes I), endossando que o rei ordena que Vashti abandone seu corpo para que dançasse aos homens do Império Persa, como o rei não queria forçá-la ir à força para parecer um marido benevolente, porém a coragem declaração de autodomínio, autonomia sobre seu corpo e a recusa de

⁸ REICH, 2016 (tradução nossa).

⁹ REICH, 2016 (tradução nossa).

¹⁰ GINSBERG, 2019 (tradução nossa).



Vashti aos desejos do rei, passou de uma questão seu embaraço pessoal, doméstico em uma questão política, logo social, pois a atitude da rainha Vashti poderia mudar o *status quo* das mulheres em uma sociedade imperialista e dominada pelo machismo e objetificação do corpo da mulher.

Daí que vem o protagonismo de uma das mulheres que desafiaram a estrutura patriarcal e machista, que mesmo perdendo a sua alta posição social, não abdicou dos seus valores morais, dos valores de autonomia feminina sobre o seu corpo, e do poder de decisão que a mulher deve ter sobre a sua vida como um todo, a rainha Vashti deixou um grande legado para o direito das mulheres e até como uma semente para que as mulheres lutem como Vashti, a Vashti não está somente na antiguidade, mas as mulheres como a Vashti existem em vários espaços e tempos em várias sociedades contemporâneas, vejamos:

O rei ordena que Vashti abandone seu grupo feminino e sua dignidade e dance nua na frente dos homens. Vashti se recusa. Assuero poderia ter trazido Vashti a ele à força. Mas ele precisa que ela aparecesse voluntariamente para que possa parecer um marido benevolente com uma esposa amorosa e complacente. A recusa de Vashti destrói a ilusão. Assuero transforma seu embaraço pessoal em uma questão política. Ele pergunta a seus conselheiros o que fazer. O desafio de Vashti – uma corajosa declaração de autodomínio – aterroriza os homens do rei. Eles temem que a ousadia de Vashti inspire suas esposas a se rebelar e desobedecer.¹¹

2 Meguilat Ester (Livro de Ester/Scroll of Esther) - Rainha Vashti (a feminista esquecida do império persa e das escrituras judaicas)

Neste capítulo faremos uma abordagem de alguns trechos do Livro de Ester, também conhecido como Meguilat Esther, observarmos como os homens que tinham uma posição política, econômica e social de destaque tratavam e objetificavam o corpo das mulheres mesmo sendo rainhas para que outros homens poderosos em suas províncias apreciem a beleza feminina, e em caso de a mulher não se sujeitar a essa norma cultural, poderia ser punida como veremos mais à frente, por enquanto nos deteremos mais sobre a parte inicial que trata do começo do drama que o rei Achashverosh faria a rainha Vashti sofrer, vejamos:

E sucedeu nos dias de Achashverosh – o Achashverosh que reinou desde a Índia até a Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias. Naqueles dias, assentando-se o rei Achashverosh no trono real, em Shushan, a capital. No terceiro ano de seu reinado, ofereceu um banquete a todos seus oficiais e servos; o

¹¹ GINSBERG, 2019 (tradução nossa).



exército da Pérsia e da Média, os governadores e oficiais das províncias estavam presentes. Quando exibiu a opulência de seu reino glorioso e o esplendor de sua grandiosa majestade, durante muitos dias – cento e oitenta dias.¹²

Não demorou muito para que aparecesse em cena a rainha Vashti, não somente pela sua formosura e beleza, mas por sua personalidade forte, que certamente não era comum entre as mulheres mergulhadas em uma sociedade antiga, arcaica e machista, principalmente na questão da autonomia de pensamento sobre como decidir sobre, como e da forma que quer pensar, como ser, decidir sobre o seu comportamento e sobre o seu corpo, e o preço a se pagar em uma sociedade desta poderia ser das mais variadas e arbitrárias contra as mulheres insubmissas naquela época, vejamos:

Também a rainha Vashti ofereceu um banquete às mulheres no palácio do rei Achashverosh. Ao sétimo dia (Shabat), estando o coração do rei já alegre pelo vinho, ordenou a Mehuman, Biztá, Charvoná, Bigtá e Avagtá, Zetar e Charcás – os sete camareiros que atendiam o rei Achashverosh. Que trouxessem a rainha Vashti à presença do rei, com a coroa real, para exibir aos povos e aos oficiais sua beleza; pois ela era muito formosa.¹³

Anita Novinsky (2015) mostra como os judeus, especialmente as mulheres judias sefaraditas com as mulheres ibéricas e latinas brasileiras como o gosto por saírem adornadas com colares, pulseiras e brincos, como o gosto pela ostentação, o “parecer” ser mais importante do que o “ser”, e este aspecto vamos perceber nas mulheres do oriente médio como a questão da beleza das rainhas Vashti e Ester, embora o caráter de Vashti e de Ester é motivo de controvérsias, Vashti colocava limites nos homens, todavia vejamos a fala de Novinsky (2015):

Havia semelhanças entre os sefaraditas e os brasileiros nos tempos coloniais, como o gosto pela ostentação. A mulher sefaradi, tal qual a brasileira, saía na rua adornada de colares, pulseiras e brincos, mostrando seus belos ornamentos. Já fazia parte da cultura portuguesa o “parecer” ser mais importante do que o “ser”. Segundo conta Sérgio Buarque de Holanda, os viajantes estrangeiros notaram que as mulheres no Brasil Colônia eram muito senhoras e pouco devotas. As cristãs-novas seguiam a religião judaica em casa e em público fingiam ser leais católicas.¹⁴

¹² CHABAD, 2023.

¹³ CHABAD, 2023.

¹⁴ NOVINSKY, 2015, p.18.



Acima podemos perceber como Vashti gostava de ser rainha e fazer as relações públicas para receber bem as pessoas, todavia o rei Achashverosh tinha bebido demais e pediu a seus camareiros que trouxessem a rainha Vashti à presença do rei, mas não foi simplesmente para a presença do rei que Achashverosh solicitou de fato, mas pediu que a trouxessem com a coroa real para exibir a sua beleza aos “povos”, que pelo que percebemos eram várias autoridades políticas e sociais da época. E isso não agradou a rainha Vashti, como veremos adiante:

Porém, recusou-se a rainha Vashti a vir segundo a ordem real por intermédio dos camareiros; por isso, se enfureceu muito o rei e se inflamou de ira. Consultou, então, o rei os peritos, conhecedores dos tempos - pois assim era o procedimento do rei [dirigir-se] a todos os conhecedores da Lei e do Direito. Os mais chegados a ele eram: Carshená, Shetar, Admatá, Tarshish, Mêres, Marsená [e] Memuchan, os sete oficiais da Pérsia e da Média que tinham acesso ao rei e ocupavam os primeiros assentos do reino. Sobre o que se devia fazer, legalmente, à rainha Vashti por não obedecer à licitação do rei Achashverosh transmitida pelos camareiros. Então declarou Memuchan perante o rei e os oficiais: "Não é só contra o rei que procedeu mal a rainha Vashti, mas também contra todos os oficiais e contra todos os povos de todas as províncias do rei Achashverosh. Pois o ato da rainha chegará à atenção de todas as mulheres, de modo a seus maridos ficarem desprezíveis a seus olhos, quando disserem: "O rei Achashverosh mandou vir a rainha Vashti a sua presença, porém ela não foi!¹⁵

O rei Achashverosh consultou vários peritos, conhecedores dos tempos e das Leis do Direito para aconselhá-lo ao que fazer com a rainha Vashti, e Memuchan deixa claro o seguinte:

Se bem parecer ao rei, que se promulgue um édito real de sua parte, e que se inscreva nas leis da Pérsia e da Média, irrevogavelmente, que Vashti não torne mais à presença do rei Achashverosh, e que o rei confira seu estado real a outra [mulher], melhor do que ela. E quando for ouvido o édito que o rei proclamar em todo seu reino – vasto que é – todas as esposas hão de honrar seus maridos, dos mais importantes aos menos importantes. A proposta agradou ao rei e aos oficiais, e o rei fez conforme a palavra de Memuchan. Enviou cartas a todas as províncias do rei, a cada província segundo sua escrita, e a

¹⁵ CHABAD, 2023.



cada povo segundo seu idioma, com o propósito de que cada homem fosse senhor em sua casa e falasse o idioma de seu próprio povo.¹⁶

A partir do exposto acima dos conhecedores das leis do direito e das normas de conduta e comportamento matrimonial, no que tange ao que toda mulher deveria fazer desde as esposas dos homens mais poderosos aos homens comuns, ou dos mais importantes aos menos importantes, que todas mulheres devam honrar aos seus maridos, caso contrário o casamento será desfeito para que se encontre uma mulher ideal como foi o que o rei Achashverosh fez para que o caso da ex-rainha Vashti sirva de exemplo para as demais mulheres. A Lei do patriarcado machista se perpetuar por todo o império persa.

Embora às vezes considerada incidental ao enredo principal do Livro de Ester, a história de Vashti apresenta temas que se tornarão importantes posteriormente no livro, como a manipulabilidade do rei Assuero e seu hábito de promulgar novas leis por sugestão de outros. Ester se aproveita da fraqueza do rei (especialmente sob a influência do vinho) ao oferecer um banquete de vinho ao persuadir Assuero a salvar o povo judeu. Outros paralelos entre os dois personagens colocam Ester em comparação com Vashti. Para substituí-la como rainha, Ester deveria ser o que Vasti não era: obediente aos desejos do rei. Ester é retratada como dócil e submissa ao ser levada para o harém do rei antes de ser tornada rainha. Mas no final, Ester como Vashti, também desafia a lei do rei. Em uma imagem espelhada da desobediência de Vashti, Ester vem ao rei sem ser convidada, enquanto a ex-rainha se recusou a comparecer perante o rei quando convocada. Leitores ao longo dos séculos encontraram inspiração tanto em Vashti quanto em Ester como mulheres que confrontaram homens no poder arriscando suas posições e vidas.¹⁷

Moral da história a rainha Vashti é deposta como rainha do império persa e o rei Achashverosh, faz um concurso para escolher uma rainha que tivesse uma beleza sublime, uma formosura e um comportamento submisso e obediente para servir de modelo para a corte e para a sociedade imperial persa.

Quem possuísse qualidades que agradassem aos olhos do rei, e conseqüentemente aos seus devaneios e festas ostentosas e megalomaniacas para continuar dar continuidade a um modelo de sociedade, em que a beleza da mulher e a sua

¹⁶ CHABAD, 2023.

¹⁷ CRAWFORD, 2021 (tradução nossa).



submissão ao rei são os pré-requisitos para uma mulher na corte persa. Sendo que estes modelos de mulheres servissem como exemplo para as demais mulheres aos seus maridos, por isso a punição contra a rainha Vashti como um “péssimo” exemplo que poderia servir como um “novo modelo” de comportamento feminino de insubmissão aos homens, em especial aos seus maridos, e abalar o *status quo* do machismo e do abuso do seu poder que no caso eram os homens, dentro de uma estrutura social piramidal na qual o rei formava a mentalidade de uma sociedade em que o poder político, econômico, social e sexual é o que comandava as relações de gênero, familiar dentre outros aspectos da vida social humana.

A primeira esposa de Assuero (Xerxes I, reinou de 485 a 465 a.C.), rei da Pérsia, Vasti é a personagem principal do primeiro episódio do Livro de Ester, uma novela judaica composta no final do período persa/início do período helenístico (quarta século a.C.). O rei Assuero, no meio de um banquete com seus nobres, convoca Vashti para comparecer perante a companhia com sua coroa real na cabeça, para que ele possa exibir sua beleza. Ela se recusa (suas razões não são dadas, embora os rabinos especulem que ela foi convocada para aparecer nua), e o rei, enfurecido, a manda embora permanentemente, dando assim início à cadeia de eventos que fará da judia Ester a rainha de Pérsia.

3 Discussões

Butler (2003) afirma que, embora o patriarcado universal não tenha a mesma credibilidade do passado, muitas coisas comportamentais e culturais ainda persistem, e menciona que ainda está difícil de superá-lo totalmente, a saber:

Embora afirmar que a existência de um patriarcado universal não tenha mais a credibilidade que ostentava no passado, a noção de uma concepção genericamente compartilhada das mulheres, corolário dessa perspectiva, tem se mostrado muito mais difícil de superar.¹⁸

Butler, ademais, tece algumas questões sobre a crise do feminismo atual, e as críticas abrangem desde a identidade do feminismo numa fase chamada de “pós-feminismo” no atual contexto pós-contemporâneo, sendo necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, vejamos:

Talvez exista, na atual conjuntura político-cultural, período que alguns chamariam de “pós-feminista”, uma oportunidade de refletir a partir de uma perspectiva feminista sobre a exigência

¹⁸ BUTLER, 2003, p. 21.



de se construir um sujeito do feminismo. Parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo com outros termos. Por outro lado é tempo de empreender uma crítica radical, que busque libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade e ou de anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui. Será que as práticas excludentes que baseiam a teoria feminista numa noção das “mulheres” como sujeito solapam, paradoxalmente os objetivos feministas de ampliar suas reivindicações de “ampliação”?¹⁹

Sabemos como é a história: o rei Assuero, festejando com seus amigos e “alegre com o vinho”, pediu à rainha Vashti que exibisse sua beleza. Vashti se recusou a obedecer ao marido e nunca mais foi vista. O rei então lançou um concurso de beleza, ordenou que todas as virgens de seu reino aparecessem e escolheu Ester como sua nova rainha.

Huler (2022) afirma que a rainha Vashti tinha uma má para a sociedade, que quando a comunidade judaica comemora(va) a festividade do Purim, as vestimentas para a rainha Vashti, e em relação a rainha Ester, considerada como a rainha heróica ao povo judeu, que salvou o povo judeu da morte devido as influências de Haman para que o rei Achaverosh decretasse a morte dos judeus por não se curvarem a ele, conforme a cultura do Império Persia da época, caso conhecido pelo protagonismo de Mordechai primo de Ester por não se curvar a Haman, e Mordechai recorreu a rainha Ester para reverter o decreto do rei, e se declarando o rei Achaverosh sobre a sua origem judaica dentre outros elementos que ocorreram na narrativa que não vamos discorrer aqui. Todavia, muitos judeus hoje veem a rainha Vashti como um ícone do feminismo dentro das escrituras judaicas, na qual muitos rabinos e judeus estão revendo, e muitos judeus contemporâneos já não veem que a desobediência da rainha Vashti foi errada, mas sim exemplar, corajosa e uma personagem do feminismo nas escrituras judaicas a se considerar e a reconhecer com todo a sua magnificência para o sexo e gênero feminino da antiguidade, vejamos:

Quando eu era pequena, os papéis eram claros: Ester era a rainha heróica que salvou o povo judeu e Vashti era simplesmente má. Nos carnavais do templo de Purim da minha infância, toda garota vestida como a rainha Esther parecia uma princesa da Disney; se havia uma Vashti, ela usava uma peruca

¹⁹ BUTLER, 2003, p. 22-23.



preta e uma dose de maquiagem nos olhos do tamanho de uma mãe. Mas toda a minha opinião sobre Vashti mudou nos últimos anos. A rainha Vashti não é uma “garota má”, mas um ícone feminista. Sua desobediência não foi errada, mas exemplar e corajosa.²⁰

Amsellem (2023) afirma que as rainhas, a rainha Vashti e a rainha Ester nunca se conheceram ou se encontraram, e que Vashti desaparece no final do primeiro capítulo com o “divórcio” do rei Achaverosh de rainha Vashti por sua “desobediência”, que aqui preferimos afirma que foi uma discordância que não agradou o rei e a sociedade da época, por fim tirando a coroa e o título de rainha de Vashti, vejamos:

Embora Vashti e Esther nunca tenham se encontrado, o relacionamento entre elas é essencial para a compreensão dos eventos do Livro de Ester. Vashti desaparece no final do primeiro capítulo, mas lança uma longa sombra sobre o resto do livro.²¹

Amsellem (2023) afirma que aprendemos com Vashti que ela era uma rainha linda e teimosa, ela não se nega a dar uma boa festa e ser uma ótima anfitriã, entretanto a rainha Vashti se recusou a ser exposta ao rei submetida aos seus desejos e de todos os homens do império persa da antiguidade. A cultura daquela época que uma mulher da corte de Achaverosh teria como um ideal de mulher importante e para as demais mulheres como um exemplo de obediência e cumprir as suas ordenações, a essencialidade da obediência feminina é ratificada em que uma missiva é enviada a todos os súditos do rei Achaverosh (Assuero) na qual toda mulher deve se submeter aos seus maridos, e que estes devem governar a família, a casa, a saber:

Ao encontrarmos Vashti no capítulo um, aprendemos o seguinte sobre ela: Ela é linda e teimosa. Ela dá uma boa festa. Ela se recusa a ter suas aparições perante o rei reguladas apenas por seus desejos. Por esta última ofensa, Vashti paga caro, perdendo sua coroa e incorrendo no banimento perpétuo da presença do rei. No final do capítulo um fica claro que uma mulher na corte de Assuero faria bem em ser obediente e comparecer perante o rei como ele ordena. A essencialidade da obediência feminina é ainda confirmada pelo versículo final do capítulo em que uma missiva é enviada a todos os súditos de

²⁰ HULER, 2022 (tradução nossa).

²¹ AMSELLEM, 2023 (tradução nossa).



Assuero, lembrando-os em termos inequívocos de que “todo homem deve governar em sua casa”.²²

Amsellem (2023) faz plausíveis observações comparativas sobre o comportamento das rainhas Vashti e Ester, em que Vashti não era submissa e subordinada aos desejos masculinos, todavia pelas escrituras judaicas mais antigas e tradicionais mostram a rainha Ester como um contraponto perfeito em relação a rainha Vashti. Não obstante, Assellem faz críticas sobre Ester sobre a sua condição de mulher passiva e submissa, o seu primo Mordechai que era uma espécie de primo adotivo de Ester, a ordena a não revelar a sua identidade religiosa judaica para conquistar o coração do Rei Achaverosh. A rainha Ester segue as ordens tanto de Mordechai como de Achaverosh, é levada ao harém e a corte e recebe conselhos e ordens de conduta de Hagai, o eunuco, e de Mordechai mesmo depois de estar com um “cargo”, ou melhor, posição social de influência em que poderia ter as suas próprias opiniões e influência política, ela sempre se comporta como uma pessoa dócil, amadas pelo rei Achaverosh, Mordechai e por toda a sociedade machista da época, analisemos:

Em contraste, Ester é apresentado a princípio como o contraponto perfeito para Vashti. Enquanto Vashti era obstinada e independente, Ester é passiva e submissa. O uso reflexivo da palavra hebraica “LaKaKH” é constantemente aplicado a ela. Ela é “levada” por Mordechai como uma filha adotiva, “levada” para o harém do rei e “levada” perante o rei. Ela não revela sua identidade no palácio, “pois Mordechai ordenou que ela não contasse”. Ela não pede nada no harém, apenas aceita o que quer que Hagai, o eunuco do rei, escolha lhe dar. Mesmo depois de ser coroada rainha, somos informados de que Ester continua a obedecer às ordens de Mordechai como fazia sob seus cuidados. Não é surpresa que Assuero ame Ester. Ela é o modelo de docilidade, um antídoto exato para Vashti.²³

O Purim que cai no mês de Adar (por volta de fevereiro e março, coincidindo com a época do carnaval brasileiro) trata do protagonismo da rainha Ester é parte da fundamental da cultura judaica tradicional, constituindo uma forma de ler, refletir e interpretar o livro de Ester de forma, de certa forma, parcial.

Larkin (2023) afirma que a comunidade judaica (o judaísmo) camufla o casamento de Ester, pois causa um mal-estar aos judeus e comunidades judaicas mais tradicionalistas e fundamentalistas contra o casamento inter-religioso, mostrando aspectos de assimilação, casamento misto, incorporando elementos seculares e cosmopolitas, e talvez a rainha Ester se autodeterminava como uma judia sem

²² AMSELLEM, 2023 (tradução nossa).

²³ AMSELLEM, 2023 (tradução nossa).



religião como um fenômeno típico do judaísmo contemporâneo na diáspora, enfim algo que também não é novidade, isso ocorre desde tempos antigos do judaísmo.

A festa de Purim foca na salvação dos judeus da morte perpetrada pelo Haman, braço direito do imperador/rei Achaverosh (Xerxes I), que tinha o pano de fundo a conspiração de Haman, outrossim.

A história do livro de Ester é recontada anualmente nas festividades do calendário judaico, o Purim “o carnaval judaico”, em que se comemora com fantasias a derrota de Haman de aniquilar todos os judeus do império persa, nada obstante o papel de Mordechai de influenciar foi de forma decisiva para as ações da rainha Ester. Ainda assim, os judeus e o judaísmo tradicionalista não tocam a questão do casamento de judeus e judias com não judeus com grande poder político, econômico, social e cultural, seja por fins econômicos, político e poder, influência dentre outros fatores diversos; por fim a história de Purim e a forma que é contada a questão judaica de casamentos de judeus com não judeus, da submissão da rainha Ester, das virtudes e ética da rainha Vashti ainda deixam muito a desejar nesta festividade tão importante, na qual precisamos rever a nossa forma de interpretar e tratar de forma mais ampla e abrangente e completa a festividade judaica de Purim.

No princípio Mordechai pede para a rainha Ester não revelar a sua origem judaica, mas depois pede para que ela revele a sua identidade e uma série de ordenações para que a rainha Ester executasse.

O judaísmo e o casamento de Esther tendem a ser encobertos nos feitiços de Purim que recontam sua história, mas ela era como 44% dos judeus hoje – assimilada e casada entre si. Ela pode até ter se definido como uma judia sem religião. Ela era uma judia clássica da diáspora, exilada de Israel, cosmopolita, uma judia da cidade. (Nota: A interpretação do Livro de Ester varia de uma tradição judaica para outra). Seu marido, o rei Assuero, não fazia ideia de que ela era judia, e ela se contentou em mantê-la assim.²⁴

Hoje os movimentos judaicos mais progressistas como o judaísmo reformista, judaísmo pluralista, judaísmo transdenominational, judaísmo reconstrucionista, judaísmo humanista e secular, dentre outros, já fazem uma abordagem mais crítica com novas interpretações sobre o Livro de Ester (Meguilat Esther), no qual rabinos como o rabbi Jill L. Maderer (2023) diz que o rei Achashverosh tenta coagir, através do abuso do seu poder político, econômico e social, a rainha Vashti a mostrar o seu corpo despida em uma festa, para agradar aos desejos do rei e dos seus súditos dentro da corte, e que a mesma se recusou. A história de Purim, consoante ao rabbi Jill L. Maderer deve ser contada sob a perspectiva da coação do rei Achashverosh que

²⁴ LARKIN, 2023 (tradução nossa).



deveria valorizar uma mulher e uma esposa que pode pensar e ser dona de si mesma, essa é a mensagem positiva que devemos enfatizar do livro de Ester, a saber:

A Meguilá ensina: O rei Ahashverosh tenta coagir a rainha Vashti a dançar nua para os convidados de sua festa. A rainha Vasti se recusa. E ela nunca mais é vista – Banida, morta ou de alguma forma desaparecida. Durante anos, contei essa parte da história da coerção, zombando de Ahashverosh, zombando desse homem tolo - ou de qualquer homem – que não entende como é maravilhoso estar com uma parceira que pode pensar por si mesma. Transformando-o em uma mensagem positiva que podemos extrair de nossa Meguilá.²⁵

O rabino rabbi Maderer endossa que não devemos ser complacentes com o rei Ahashverosh, que nós judeus não devemos ser um facilitador e cúmplices dos que abusam do seu poder político e posição social, e que nós judeus devemos dar visibilidade e combater a invisibilidade como a da rainha Vashti, que faz parte das personalidades dentro das escrituras sagradas judaicas sem as devidas menções e revisões da sua importância não somente do rei Ahashverosh contra o povo judeu, mas também contra as mulheres que almejam serem livres e donas de si, e acrescenta mais esta dimensão ética judaica que a rainha Vashti não está somente no mundo antigo, a Vashti está no meio de todos nós, o caso de Vashti faz parte da história de todas mulheres até os dias de hoje em muitas partes do mundo, e que todo o poder dentro das comunidades judaicas sagradas sejam usados para se fazer a justiça, que fazer parte das concepções de TIKUN OLAM, analisemos:

Recuse-se a ser Ahashverosh, aquele sem responsabilidade. E se recuse a ser seu facilitador. Veja Vashti em sua história de invisibilidade. Ouça os apelos de Vashti desde o banimento. Conheça Vashti em nossa história de tshuvá. Porque Vashti não está na Pérsia e Vashti não está no século 5aC. Vashti está aqui, Vashti está agora, seu destino, nossa responsabilidade, sua história, nossa verdade. Em nossas comunidades sagradas, que possamos usar nosso poder para a justiça, compelidos a atender às palavras da Meguilat Esther – você está aqui exatamente para esse propósito.²⁶

4 Considerações finais

Podemos fazer uma parábola do Livro de Ester, entendo que a atuação do rei Achashverosh influenciado por Haman para destruir o povo judeu, se assemelha com outros acontecimentos como o que aconteceu com a inquisição e com o

²⁵ MADERER, 2023 (tradução nossa).

²⁶ MADERER, 2023 (tradução nossa).



holocausto, por meio de leis autoritárias e genocidas perpetradas por ditadores e fundamentalistas religiosos em diversas nações. Anita Novinsky (2015) uma grande cientista e estudiosa da história do Brasil colonial com ênfase na atuação da inquisição, afirma em sua obra “Os judeus que construíram o Brasil”, que nenhuma nação na época da renascença humanista se pronunciou ou escreveu algo referente a desumanização a qual os judeus eram submetidos pela inquisição, a seguir vamos corroborar:

Durante trezentos anos, os descendentes de judeus portugueses convertidos ao catolicismo viveram sob ameaça de um Tribunal que lhes vigiava os passos, as palavras, os gestos e o pensamento. Os judeus construíram suas vidas, mesmo que parte tenha permanecido secreta. Dispersaram-se pela Holanda, em Hamburgo, algumas cidades da Itália, no Levante, no Marrocos e na América. O Brasil foi o lugar preferido.²⁷

Além disso Anita Novinsky (2015) acrescenta que mesmo dentro da sociedade colonial e inquisitorial, nem cristãos-novos e nem os cristãos-velhos e demais povos habitantes dos territórios nacionais, quase que ninguém se revoltou contra o sistema colonial e inquisitorial, os poucos casos de crítica não surtiram nenhum efeito. “Pessoa alguma teve coragem de sugerir e eliminação do Tribunal, nem os mais lúcidos e esclarecidos portugueses, conhecedores de suas atrocidades”.²⁸

Outrossim:

Nenhuma nação se pronunciou contra as barbaridades cometidas pelos inquisidores nem se compadeceu do sofrimento dos judeus. Os grandes humanistas da Renascença louvaram a Expulsão da Espanha e comentaram que, expulsando os judeus, os Reis católicos demonstraram grande conhecimento político.²⁹

Além de tudo já exposto, Novinsky (2015) estranha que, mesmo com tantos documentos históricos estudados por pesquisadores em história, antropologia e etnologia, ainda há pessoas que são negacionistas, revisionistas e afirmam que a inquisição católica contra os judeus, e depois contra os criptojudeus é considerada por muitos autores como muito mais benigna que os tribunais civis, como se os inquisidores tivessem sido bons e misericordiosos para com os criptojudeus, marranos ou cristãos-novos. Esses dados valem para qualquer tipo de sociedade, desde a antiguidade até a época contemporânea, e nem seria tão diferente no Império

²⁷ NOVINSKY, 2015, p.245.

²⁸ NOVINSKY, 2015, p.245.

²⁹ NOVINSKY, 2015, p.245.



Persa, na época do nazismo e ainda hoje em vários países europeus, africanos, latino-americanos, asiáticos dentre outros, vejamos:

É de estranhar, considerando a enorme quantidade de documentos atualmente disponíveis, que autores “revisionistas” e “negacionistas” procurem justificar os atos infames do Tribunal e seus inquisidores, amenizando a barbárie de seus métodos. Há historiadores que consideram a Inquisição Ibérica muito mais benigna que os tribunais civis, e afirmam terem sido os inquisidores bons e misericordiosos, simplesmente agindo conforme a lógica do seu tempo. Tal fato nos mostra o quão pouco aprendemos com o passado.³⁰

Referências

AKINYELE, Olufunmilayo O. Queen Esther as a servant leader in Esther 5:1-8. *Journal of Biblical Perspectives in Leadership*. v.2, n.2, 51-79, 2009.

AMSELLEM, Wendy. Vashti and Esther: A Feminist Perspective The relationship between the two Persian queens is integral to understanding the Purim story. *My Jewish Learning*, 2023. Disponível em: <https://www.myjewishlearning.com/article/vashti-esther-a-feminist-perspective>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

CRAWFORD, Sidnie White. Vashti: Bible. *Jewish Women's Archive*, 23 jan. 2021. Disponível em: <https://jwa.org/encyclopedia/article/vashti-bible>. Acesso em: 23 mar. 2023.

CYFER, Ingrid. Feminismo, identidade e exclusão política em Judith Butler e Nancy Fraser. *Idéias*. Campinas, v.8, n. 1, p. 247-274, 2017.

FEMENÍAS, María Luisa. A crítica de Judith Butler a Simone de Beauvoir. *Sapere Aude*. Belo Horizonte, v.3, n.6, p.310-339, 2012.

GABRIEL, Ruan de Sousa. *União Soviética foi pioneira nos direitos das mulheres, diz historiadora*. Época, mai. 2014. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2014/05/uniao-sovietica-foi-pioneira-nos-direitos-das-mulheresb-afirma-historiadora-americana.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

³⁰ NOVINSKY, 2015, p.19.



GINSBERG, Alan Robert. Breaking Free of the Esther/Vashti Complex. *Jewish Journal*, 10 mar. 2019. Disponível em: <https://jewishjournal.com/commentary/analysis/295455/breaking-free-of-the-esther-vashti-complex>. Acesso em 23 mar. 2023.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HULER, Scott. Queen Esther is a Jewish hero, but Queen Vashti is the feminist icon we need right now. *Forward Independent Nonprofit*, 16 mar. 2022. Disponível em: <https://forward.com/opinion/484117/queen-esther-is-a-jewish-hero-but-queen-vashti-is-a-feminist-icon>. Acesso em: 22 mar. 2023.

LARKIN, Jane. What Would Esther Think? Jane Larkin. *18 doors*, 2023. Disponível em: <https://18doors.org/what-would-esther-think>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MADERER, RABBI JILL L. Vashtiis Now: Accountability in the Reform Movement and in Our Communities. *Women of Reform Judaism*, mar. 2023. Disponível em: <https://wrj.org/blog/vashti-now-accountability-reform-movement-and-our-communities>. Acesso em 23 mar. 2023.

MARCONI, MA; LAKATOS, EM. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2016.

MARTINS, Geiza. Conheça 15 mulheres feministas que fizeram história. UOL, abr. 2018. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/04/24/conheca-15-mulheres-feministas-que-marcaram-a-historia.htm>. Acesso em: 23 mar. 2023.

MEGUILAT Ester Inteira. *Chabad*, 2023. Disponível em: https://pt.chabad.org/library/article_cdo/aid/1090135/jewish/Meguilat-Ester-Inteira.htm. Acesso em: 22 mar. 2023.

NICHOLS, Clarina I. H.; GAMBONE, Joseph G. The Forgotten Feminist of Kansas, 5. *Kansas State Historical Society*, Spring, v.40, n.1, p. 72-135, 1974. Acesso em: 22 mar. 2023.

NOVINSKY, Anita. *Os judeus que construíram o Brasil: fontes inéditas para uma nova visão da história*. São Paulo: Planeta, 2015.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PORCHAT, Patrícia. Um corpo para Judith Butler. *Periódicus*. Salvador, n. 3, v. 1, 2015.

REICH, Hannah. Vashti: Judaism's first feminist bad girl. *ABC*, RN, 4 Set 2016. Disponível em: <https://www.abc.net.au/radionational/programs/earshot/vashti-judaisms-first-feminist-bad-girl/7809508>. Acesso em: 23 mar. 2023.



RUTH. Tanakh. *Serafia* 2023. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Ruth?tab=contents>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SCHIZER, Josephine. Vashti & Esther: Two Models of Feminism. *Jewish Telegraphic Agency*, fev. 2018. Disponível em: <https://www.jta.org/2018/02/28/ny/vashti-esther-two-models-of-feminism>. Acesso em: 22 mar. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SHENHAR, Aliza. Vashti: The first feminist. *Jerusalem Post*, mar. 2015. Disponível em: <https://www.jpost.com/not-just-news/vashti-the-first-feminist-392905>. Acesso em: 22 mar. 2023.

TREATMAN, Ronit. Queen Esther: Patron saint of crypto-Jews: faced with threat of execution for Jewish observance, Sephardi conversos created the festival of Santa Estericatore place Purim. *The Times of Israel*, mar. 2014. Disponível em: <https://www.timesofisrael.com/queen-esther-patron-saint-of-crypto-jews/#:~:text=It%20is%20said%20that%20she,and%20eventually%20married%20King%20Ahasuerus>. Acesso em: 23 mar. 2023.

TUCKMAN, Vicki. Vashti: Finding a Feisty Feminist in our Purim Story. *Reform Judaism*, fev. 2013. Disponível em: <https://reformjudaism.org/blog/vashti-finding-feisty-feminist-our-purim-story>. Acesso em: 22 mar. 2023.

YIN, Robert K. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2016.

Recebido em: 13/06/2023.

Aprovado em: 12/07/2023.